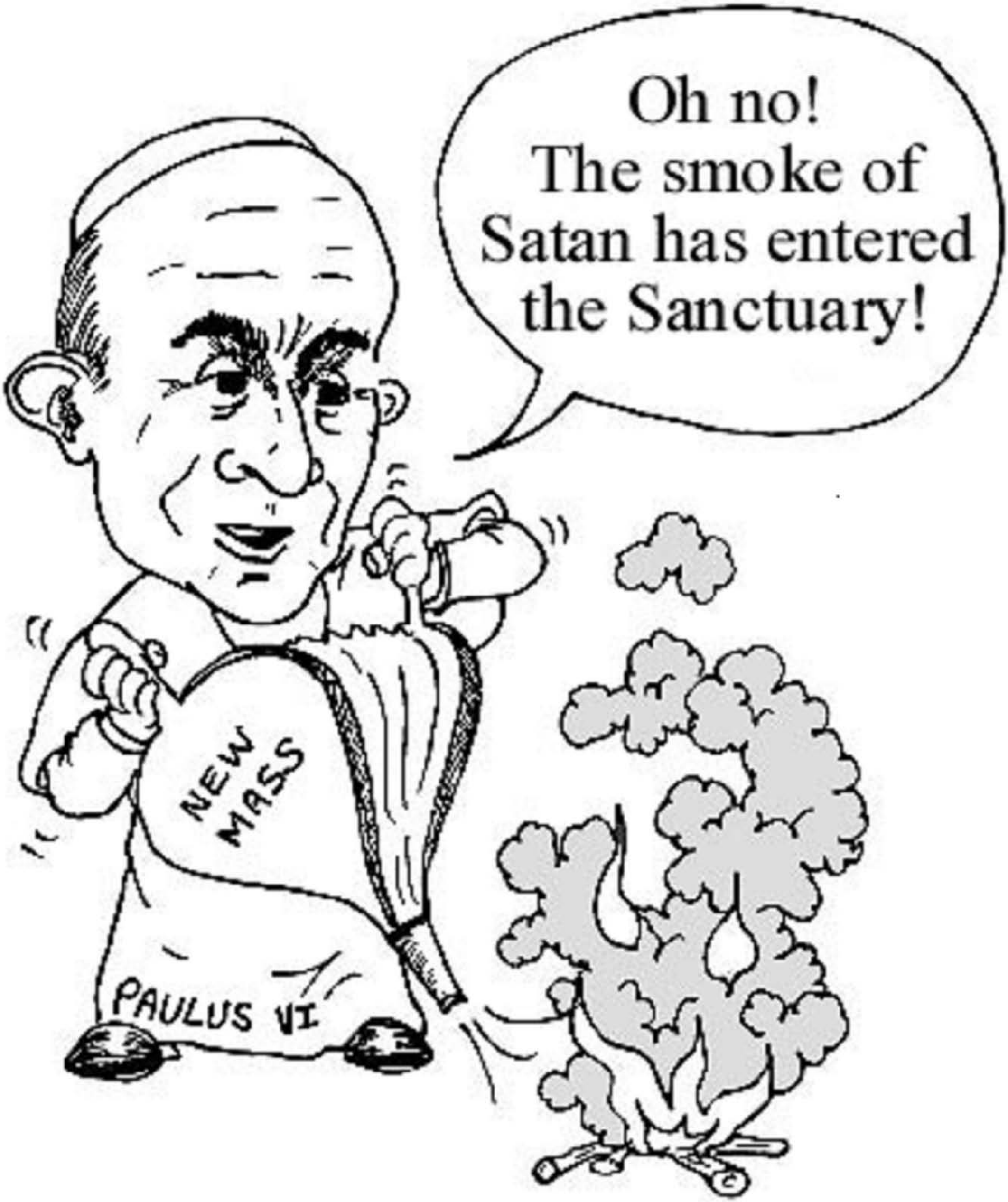

Copyright '06 P. Nichols www.pnichols.com

O ENGANO DO CONCÍLIO PASTORAL

Por moimunan em 18 de agosto de 2016

VATICANO II: DE CONCÍLIO “PASTORAL” A CONCÍLIO SUPERDOGMÁTICO [*]

Pe. Johannes Ülustusch, SDB

Com que refinamento diabólico, com a chamada “linguagem diplomática”, todos os incautos foram enganados fica claro pelos três slogans que foram continuamente enfatizados e repetidos durante o Concílio, direcionados àqueles que já haviam reconhecido o plano e a orientação progressistas no concílio.

Esses slogans eram:

1) “O Concílio é apenas um Concílio pastoral!”;
2) “Não queremos condenar nada!”; e
3) “Não queremos definir nada!”

Ao final do concílio, a linguagem diplomática se transformou numa linguagem bem concreta. A partir do slogan “Não queremos condenar nada!” a mensagem passou a ser: “O que era ensinado antes do concílio não é mais válido, está ultrapassado, está obsoleto, tudo isso não pode mais ser ensinado.”

Do lema “Não queremos definir nada!” surgiu: “De agora em diante, somente o que foi determinado por este concílio é válido; todos devem se orientar de acordo com ele, caso contrário, não terão mais nenhum direito.”

De um “concílio puramente pastoral” surgiu um “concílio superdogmático”. Dessa forma, os 20 concílios dogmáticos precedentes foram declarados inválidos. Mais notavelmente, o Concílio de Trento foi eliminado e anulado. Isso é inegável, pois a prática o confirma plenamente.

A isso, acrescentou-se um artifício. Para impedir que um bispo ou pároco agisse de forma independente, foram criadas as Conferências Episcopais e os Conselhos Presbiterais.

Os numerosos “traidores” da Igreja (os cães, os assassinos, os licenciosos, os idólatras e todos os mentirosos) inventaram então uma série de slogans para espalhar suas “mentiras” entre o povo o mais rápido possível.

Dois slogans foram especialmente perigosos e eficazes: “Não devemos olhar para o que nos separa dos outros, mas para o que nos une” e “Unamo-nos aos ‘protestantes’, pois são apenas ‘insignificancias’ que nos separam”.

Essas declarações tiveram um efeito devastador, desencadeando a grande apostasia da fé.

Mais algumas palavras para mostrar que os protestantes não estão separados apenas por trivialidades. São Paulo já havia predito que muitos viriam pregando um Cristo diferente daquele que ele pregara e proclamando um Evangelho diferente daquele que ele proclamara. “Pois, se alguém vier e lhes pregar um Cristo diferente daquele que lhes pregamos, ou se vocês receberem um espírito diferente daquele que receberam, ou um evangelho diferente daquele que aceitaram, bem o tolerariam” (2 Coríntios 11:4).

Isso aconteceu por causa do protestantismo. A nova doutrina foi aceita sem muita reflexão. Muitos nem sequer perceberam que os protestantes proclamam um “Cristo” que não fundou nenhuma Igreja em Pedro, que não instituiu nenhum sacerdócio — isto é, nem sacerdotes nem o Santo Sacrifício da Missa — e que não nomeou nenhum papa como pastor supremo da Igreja.

Eles não têm sete sacramentos nem defendem os Dez Mandamentos. Maria, a Mãe de Deus, é, para eles, uma mulher comum. Ela não é “cheia de graça”, mas “agraciada”. Para eles, a Virgem também não foi concebida sem pecado original, e assim por diante.

Reconhecemos, portanto, inequivocamente, que todos os protestantes têm outro “Cristo”, um falso.

Na verdade, não deveriam se chamar de “cristãos”. Há apenas um Cristo, como ensina a Sagrada Escritura: “Para nós, porém, há um só Deus, o Pai, de quem tudo procede e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem tudo veio à tona e por meio de quem vivemos” (1 Coríntios 8:6).

Portanto, a afirmação “Só trivialidades nos separam, católicos, dos protestantes” é uma grande mentira. Na verdade, nós, católicos, não temos nada em comum com eles.

A exortação “Unimo-nos, então, a eles” significa renunciar à nossa verdadeira fé católica, abandonar a única e verdadeira Igreja de Jesus Cristo e desertar para o campo do Anticristo.

Foi isso que a Igreja conciliar fez; por isso é herética, assim como todos aqueles que “conscientemente” permanecem nela.

*

P. JOHANNES ÜLUSTUSCH, SDB (Constanz, Alemanha Ocidental)

Traduzido por G. D. C. de: “Die Kirche in der Endzeit —die Apokalypse— 5. Teil”, maio de 1987, pp.

Retirado do site Católicos Alerta